Revista Eletrônica Pesquiseduca
Revista do Programa de Pós-Graduaçãoem Educação
v. 18 n. 50 (2026)
set/dez
ISSN: 2177-1626

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Texto recebido em: 2026-02-23
Texto aprovado em: 2026-10-01

DOI: 10.58422/repesq.2026.e1908

Filosofia e história da educação brasileira numa perspectiva artística

Filosofía e historia de la educación brasileña, desde una perspectiva artística

Philosophy and history of brazilian education, from an artistic perspective

Laura Silveira Santiago[1]
lauras.santiago@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-1506-1717
Rosane Michelli de Castro[2]
r.castro@unesp.br
https://orcid.org/0000-0002-7383-4810

Resumo

Propõe-se uma leitura de aspectos decorrentes entre a Filosofia e a História da Educação Brasileira por meio do enlace entre tendências da Filosofia da Educação Brasileira à luz de canções de Francisco Buarque de Hollanda. Objetiva-se uma leitura da História da Educação, mediante tendências filosóficas da educação no Brasil, sob olhar artístico desse artista brasileiro. Para tanto, as investigações caracterizam-se pelo seu caráter histórico-filosófico e com base nas elaborações sobre as tendências pedagógicas de Saviani (1994) em diálogo com a leitura artística de Chico Buarque, de elementos da nossa educação. Trata-se de uma análise descritiva, que permitiu compreender historicidades da educação/formação pensada e vivenciada, com historicidades em solos brasileiros, segundo raízes dessa educação/formação de nossa sociedade plural, também artística.

Palavras-chave: História da Educação Brasileira; Filosofia da Educação; Tendências da Filosofia da Educação Brasileira; Perspectiva artística.

1. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" - campus de Marília, na linha de pesquisa "Filosofia e História da Educação no Brasil". Mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" - campus de Marília, na linha de pesquisa "Filosofia e História da Educação no Brasil.

2. Professora associada - MS5-3 Departamento de Didática e professora permanente junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Livre Docente em Didática (UNESP-2022), Pós-doutora em Educação (Fundação Carlos Chagas-2010), Doutora em Educação (UNESP-2005), Mestre em Educação (UNESP-2000).

Resumen

Se propone una lectura de aspectos surgidos entre la Filosofía y la Historia de la Educación Brasileña, mediante articulación entre tendencias de la Filosofía de la Educación Brasileña a la luz de las canciones de Francisco Buarque de Hollanda. El objetivo es leer la Historia de la Educación, mediante las corrientes filosóficas de la educación en Brasil, desde la perspectiva artística de este artista brasileño. Las investigaciones se caracterizan por su carácter histórico-filosófico y basadas en las elaboraciones sobre las tendencias pedagógicas de Saviani (1994), en diálogo con la lectura artística de Chico Buarque sobre elementos de nuestra educación. Es un análisis descriptivo, que nos permitió comprender las historicidades de la educación/formación pensada y vivida, con historicidades en suelo brasileño, de acuerdo con las raíces de esa educación/formación de nuestra sociedad plural, también artística.

Palabras clave: Historia de la Educación Brasileña; Filosofía de la Educació;. Tendencias de la filosofía brasileña de la educación; Perspectiva artística.

Abstract

This paper proposes a reading of aspects arising from the Philosophy and History of Brazilian Education, through the link between the Philosophy of Brazilian Education, in the light of songs by Francisco Buarque de Hollanda. The objective is to read the History of Education, through philosophical trends in education in Brazil, from the artistic perspective of this Brazilian artist. The investigations are characterized by their historical-philosophical character, and based on the elaborations on pedagogical trends by Saviani (1994) in dialogue with Chico Buarque artistic's reading of elements of our education. These is a descriptive analysis, which allowed us to understand the historicities of education/training thought about and experienced, with historicities in Brazilian soil, according to the roots of this education/training of our plural society, which is also artistic.

Key-words: History of Brazilian Education; Philosophy of Education; Trends in Brazilian Educational Philosophy; Artistic perspective.

Introdução

A análise da educação brasileira se desenvolve por diversas áreas do conhecimento, podendo se particularizar sob o estudo de práticas pedagógicas e didáticas em sala de aula, ou por documentos oficiais de governos vigentes, ou por diferentes referenciais de saberes que buscam compreender o campo educacional – como psicologia da educação, política da educação, sociologia da educação, entre outros. O ato de historiar a educação brasileira, no entanto, não se prende à forma pela qual sua prática se dá, pois em quaisquer que sejam seu o formato, propõe-se reflexões acerca da educação/formação pensada e vivenciada por pessoas, com historicidades em solos brasileiros, segundo raízes dessa educação/formação de nossa sociedade plural.

Nesse sentido, o presente artigo propõe a uma história de aspectos da educação brasileira, sob perspectiva da Filosofia da Educação. Entende-se, por esta área, a busca pela reflexão acerca das questões vivenciadas pelos atores do saber formal e informal em cada momento evolutivo do pensamento e práxis educacionais.

Para tanto, Saviani (1994) propõe uma classificação de tendências da Filosofia da Educação dominantes em épocas distintas da educação brasileira, por meio de análise de obras em circulação voltadas à prática pedagógica; o objetivo desse pesquisador é apresentar as tendências que permitiram compreender elementos das diversas

CC BY

correntes da educação no Brasil. Saviani (1994) apresenta quatro tendências de Filosofia da Educação, as quais evidenciam as concepções pedagógicas de cada época da educação brasileira; para ele há a educação humanista tradicional, a humanista moderna, a analítica e a dialética, todas abordadas ao longo deste artigo.

Um *discrímen* deste trabalho consiste em buscar compreender a classificação das tendências da Filosofia da Educação formuladas por Saviani (1994) à luz do olhar artístico musical de Chico Buarque de Holanda, o qual potencializa a percepção do evoluir educacional numa construção poético-musical, permitindo-se estabelecer conexões entre o saber e o cenário histórico-econômico-social-educacional do Brasil.

Nascido no Rio de Janeiro em 1944, oriundo de uma família de intelectuais, Francisco Buarque de Hollanda, compositor, escritor, cantor, violinista, dramaturgo e ator, conquistou notoriedade devido as suas leituras artísticas de elementos do cotidiano do povo brasileiro, sobretudo das pessoas trabalhadoras e militantes na produção da sua existência por meio do trabalho, o que evidencia seu também envolvimento político, combatente das condições que geram desigualdades e exploração do operariado pelo capitalismo em solos brasileiros. Também, esse artista se destaca pelo domínio e manejo da língua portuguesa e de expressões brasileiras, expressando artisticamente momentos e especificidades da história do Brasil e do brasileiro, os quais são lidos/ouvidos e referenciados também no exterior.

Dentre as obras de Chico Buarque, como é mais popularmente conhecido, privilegiamos neste artigo, algumas canções que nos permitiram a reflexão filosófica e uma leitura histórica sobre momentos da educação brasileira, a saber: “O que será?” (1976), “O meu guri” (1981), “Construção” (1971), “Pivete” (1978) e “Cotidiano” (1971).

Os resultados das nossas reflexões compõem este artigo, mediante cinco subtítulos, os quais são nomeados referenciando as canções mencionadas, relacionando-as às nossas reflexões sobre elementos da História da Educação no Brasil, com base nas tendências do pensamento filosófico educacional brasileiro, teorizadas por Saviani (1994), humanista tradicional, humanista moderna, tecnicista e dialética.

Destacamos que os marcadores que delimitam as tendências do pensamento filosófico educacional brasileiro são delimitações de Dermeval Saviani, sendo que, tanto na Filosofia da Educação, quanto na História da Educação, o campo de pesquisas é bastante vasto acerca das discussões/consensos/dissonâncias sobre essas teorizações de Saviani (1994).

Por último, apresentamos uma breve análise sobre elementos da atualidade educacional brasileira.

O que será?

A proposta de Saviani (1994) em formular um estudo acerca das tendências da Filosofia da Educação brasileira preocupou-se com certa periodização que possibilitou a análise de fatos históricos-filosóficos os quais influenciaram cada época da institucionalização da educação, mais especificamente, na filosofia pedagógica das escolas em cada tempo. Para tanto, Saviani (1994) em seu esquema teórico apresenta a primeira época da escola brasileira marcada até 1930 pelo predomínio da tendência humanista tradicional.

Afirma Saviani (1994) que a tendência humanista tradicional se determina pela visão essencialista do ser. Destarte, o sujeito é reconhecido como pertencente de uma essência imutável, e as possíveis mudanças são consequência de acidentes, de acontecimentos, de uma ordem outra que não cabe ao humano. Saviani (1994) expõe duas vertentes desta tendência, a saber a vertente religiosa, que possui raízes na Idade Média, e a vertente leiga, que surge como expressão da burguesia. No cenário social brasileiro, após a queda da monarquia e instauração de um Brasil Republicano, a burguesia se fez representar por grupos militares, grupos de cafeicultores, entre outros. Emergiu-se, neste momento, a necessidade da construção de sistemas públicos de ensino. Para tanto, desencadeia-se o que ficou conhecido como "entusiasmo pela educação" e a escola como "redentora da humanidade" com seu caráter universal e gratuito, explicitado por Saviani (1994). Cabe nesta escola a educação com seu papel de conformar os sujeitos escolares com sua essência humana, buscando manter os interesses das camadas burguesas, por meio de uma educação centrada no professor, o qual detém o poder e o conhecimento.

Neste período, vê-se a marca da manutenção do *status quo* da sociedade brasileira, e a potencialização, por meio desta escola, do distanciamento entre a formação da elite burguesa e da formação do povo. Tem-se de um lado, um discurso renovador da escola brasileira, por outro lado, há a apropriação da educação escolar como cenário de dominação e manutenção de uma essência dita imutável.

No entanto, a tentativa de impor ordem e governo sobre aqueles que buscam a liberdade por meio da participação política parece em vão. Tal cenário é retratado em eventos como a separação da Igreja e Estado, a Revolta Armada, as mudanças significativas na Constituição da República do Brasil de 1891, a busca dos estados por maior autonomia, além dos movimentos crescentes de grupos minoritários, como da classe trabalhadora, movimentos negro e feminista.

Deste modo, estas constantes lutas as quais desafiam as convenções sociais frente a este determinismo natural imutável desta época revela o escape do controle social, revela a vida humana como incontrolável, revela a inquietação e o impulso constante

de desafiar esta manutenção social, revela a impossibilidade da domesticação dos corpos frente ao anseio de se firmar como povo brasileiro.

Portanto, o que será desta escola como espaço repleto de sujeitos com questionamentos e anseio por se firmar na liberdade, mas que este desejo que "dá dentro da gente e que não devia" (Hollanda, 1976) se faz reprimido por esta educação que reforça uma essência imutável do ser? O que será daquele que "não tem conserto e nem nunca terá?" (Hollanda, 1976). O que será desta busca por autonomia, do que "não tem governo e nem nunca terá?" (Hollanda, 1976) – questões estas vistas na música de Chico Buarque, "O que será?" (1976).

O que será se há uma escola homogeneizadora que em meio a "todos os avisos não vão evitar" (Hollanda, 1976) esta luta por se firmar um povo já brasileiro, com sua cultura múltipla? Porque toda expressão de singularidade do povo há de afirmar seu espaço na escola, e "todos os risos vão desafiar" (Hollanda, 1976). De todos aqueles que encaram este Brasil que segrega ainda mais elite e povo, a luta deste povo se faz no grito dos "botecos, dos mercados" (Hollanda, 1976), da escola, da natureza. E aquilo que desafia a essência imutável do ser, se faz no acontecimento "que vive nas ideias desses amantes, que cantam os poetas mais delirantes, que juram os profetas embriagados, que está na romaria dos mutilados, que está na fantasia dos infelizes, que está no dia-a-dia das meretrizes, que está no plano dos bandidos, dos desviados" (Hollanda, 1976). Assim sendo, "o que será? Que será?" (Hollanda, 1976).

O meu guri, olha aí!

A partir de 1930, o advento do escolanovismo chega ao Brasil, com uma maior preocupação no âmbito técnico-pedagógico. Nesta época, o Brasil passa por mudanças significativas como o fim da República Velha por meio do Golpe de 1930, tendo Getúlio Vargas assumido a presidência do Brasil. O governo de Vargas marca-se pela centralização de poder, mas também teve caráter populista, caráter este que refletiu na terceira Constituição do Brasil, de 1934, tendo como questões relevantes a preocupação com os direitos trabalhistas e a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário. Tais questões objetivavam o aumento econômico brasileiro por meio da atenção à industrialização, para isto necessitava-se de uma educação despolitizada, mas voltada a iludir o povo de que haveria um futuro melhor por meio do trabalho; pode-se afirmar ser uma ilusão para o povo na medida em que as alianças políticas de Vargas estavam afinadas com grupos economicamente dominantes, como militares e industriais.

Saviani (1994) relata que em 1930 iniciou-se a tendência humanista moderna no Brasil, a qual reflete na escola estes valores do cenário político, econômico e social da época. Esta advém das correntes Existencialistas, Fenomenologia, Vitalismo, entre

outras, as quais propõem uma visão do homem centrada na existência, na ação da vida, conforme expõe Saviani (1994). Nesta perspectiva, não há mais uma essência imutável do homem, mas sim a existência é a qual precede a essência, cabendo ao homem formar-se até a sua morte por meio das atividades em sua existência.

Neste sentido, conforme propõe Saviani (1994), o sujeito como inacabado necessita de um olhar educacional para a atividade do ser que está se formando, tendo uma educação centrada no educando; no entanto, tem o professor como uma figura de orientador e facilitador do processo de aprendizagem de seus alunos. Assim como visto no governo Vargas, o qual se colocava como uma imagem de orientador político e econômico do Brasil, por meio de sua capacidade de negociação política e pelo controle das mídias, para manter a ordem social e poder conciliar grupos opostos em seus governos. Sendo a educação um instrumento de hegemonia destes interesses políticos, econômicos e sociais da época.

Nesta época, a proposta de qualidade da educação formulada no ideal escolanovista reduziu a educação em seu caráter técnico-pedagógico e entregou o caráter liberal à escola, já que as ações dos alunos vão ditar sua formação na vida. Vê-se, então, o compromisso com a expansão escolar em limites os quais fossem adequados para os interesses dominantes e a formulação de um ensino adequado que atendesse a estes interesses. A proposta de uma democracia no âmbito escolar ainda se via apenas como discurso, a considerar a grande taxa de analfabetismo e inacessibilidade e dificuldade de permanência na escola, uma vez que o distanciamento entre elite e classe popular foram ainda mais intensificados e o ideal de centralidade no aluno foi visto para a formação de um povo bom para ser governado, um povo docilizado e iludido capaz de "chegar lá" (Hollanda, 1981) – em espaços democráticos, como a escola – e submeter-se a uma elite moralizante.

Marca-se um povo ainda desamparado socialmente, sem conhecimento de direitos, e a luta por sobreviver em um Brasil economicamente em crescimento. Em "O meu guri" (1981), de Chico Buarque, vê-se um relato de um eu lírico feminino, que não domina a língua portuguesa, mas se propõe a relatar sua vivência como mãe solo desde o nascimento até a morte de seu filho, analisa-se que é uma mãe de uma comunidade – ao referir na canção "chega no morro" (Hollanda, 1981) – sem escolaridade apropriada e ingênua, que explicita uma gravidez não planejada, e se preocupa com as condições de vida do filho, o guri. Explicita-se tais questões na primeira estrofe:

> Quando, seu moço, nasceu meu rebento
> Não era o momento dele rebentar
> Já foi nascendo com cara de fome
> E eu não tinha nem nome pra lhe dar
> (Hollanda, 1981)

A marca da pobreza e da ausência de uma assistência social é notória, assim como a ausência de uma escola com as melhores ofertas culturais para todas/os, mas pairava a crença democrática de que um dia o guri "chegaria lá" referindo-se ao sonho de um futuro melhor e uma melhoria econômica e social, com oportunidades de mudar sua realidade. O grande problema presente neste discurso democrático da tendência humanista moderna foi o foco na centralidade e, portanto, a responsabilidade do aluno em relação ao pedagógico e se olvidou da relevância política deste povo, utilizou-se para potencializar as desigualdades sociais e manter por meio das propagandas e negociações a docilização de corpos para manterem-se em sua situação de menoridade social.

Neste cenário, a oportunidade vista em comunidades distantes de um pensar político se via nula, mas a necessidade de manter-se vivo economicamente e o sonho de melhoria de vida se dava por alternativas que não estavam na escola, com uma educação minimamente qualificada. Para tanto, a mãe do guri relata, inocentemente, a entrada do seu filho no mundo do crime, ao relatar que o guri saía para trabalhar – questão de grande valor na era Vargas – mas que retornava para casa com presentes, como: "uma bolsa já com tudo dentro: chave, caderneta, terço e patuá, um lenço e uma penca de documentos pra finalmente identificar" (Hollanda, 1981).

Marca-se na letra da música o momento em que a mãe recebe a notícia da morte do filho pelos jornais, "chega estampado, manchete, retrato" (Hollanda, 1981). Mostra-se a impessoalidade que esta centralidade do indivíduo gerou na sociedade, a ausência de um olhar político social que não se visa apenas para as questões trabalhistas e para o crescimento econômico. E a mãe reforça esta visão de manutenção de uma vida mínima para a classe popular ao afirmar, após receber a notícia de morte de seu guri: "ele disse que chegava lá!" (Hollanda, 1981).

Evidencia-se, assim, que a visão de um ser responsável por sua formação autonomamente, sem um olhar político coletivo matou – e ainda mata – não somente o guri relatado na canção, mas diversos guris do povo brasileiro. O olhar ao povo não deve ser minimizado ao econômico, ao cientificismo pedagógico, mas deve-se atentar ao político. "Olha aí o meu guri", olha aí os nossos guris.

Deus lhe pague

A partir de 1960, Saviani (1994) aponta a crescente da tendência tecnicista. O Brasil vivencia o fim da presidência de Kubitschek, que implementou um governo marcado pela industrialização e desenvolvimento econômico, deixou o governo com o aumento da inflação, êxodo rural, endividamento. Os anos subsequentes marcaram-

se pelo Golpe Militar em 1964 devido ao crescente movimento liberal-conservador no Brasil. Mas o que tange à educação são as mudanças as quais o regime ditatorial forçou nas escolas e a implantação do tecnicismo como pedagogia oficial pelo governo vigente, tendo uma crescente nos estudos, como cita Saviani (1994), acerca do "enfoque sistêmico", "máquinas de ensino", "operacionalização de objetivos", entre outros.

Tal tendência aproxima-se à concepção analítica de Filosofia da Educação, que diz que a tarefa desta disciplina é a de analisar, logicamente, a linguagem educacional – reflexão proveniente de Saviani (1994). Diz respeito a uma análise linguística a qual é determinada pelo seu emprego, não por seu contexto socioeconômico-político. Neste sentido, a educação se rende às exigências da pedagogia oficial, em que se valoriza o ser eficiente e produtivo, que segue as normas determinadas pela linguagem e a imposição desta linguagem pela normatização marcada por este período. Reflete no cenário escolar, o cenário político e econômico da época. De um quadro de dever – obrigatoriamente ou impositivamente pelo controle da vida – uma gratidão por estar em espaços básicos, os quais vão te formar para ser um povo governável. Gratidão por uma educação maquinária que vai oportunizar o aluno a se tornar operário. Gratidão por aquilo que é direito fundamental em situações mínimas de qualidade, por esse "pão pra comer, por esse chão pra dormir" (Hollanda, 1971). Gratidão pela "certidão pra nascer e a concessão pra sorrir" (Hollanda, 1971), contanto que não seja uma ameaça à ordem. Gratidão por "deixar respirar, por deixar existir" (Hollanda, 1971) sob condição de servir à escola, à economia, à política, ao Brasil, "ame-o ou deixe-o" – slogan do regime militar no Brasil.

Apesar de grandes obras relevantes de Chico Buarque referentes a este período, enquadrar-se-á neste momento a obra *Construção* (1971), a fim de se manter a fidelidade com a proposta inicial de ilustrar, neste momento, a tendência ora vigente nas escolas brasileiras. Referida obra proporciona uma dualidade do trabalhador, o qual ao mesmo tempo em que o vê humanizado, denuncia-se a desumanização dele, questão esta que se aproxima não somente ao contexto enunciado, mas também a esta educação maquinária e tecnicista.

Na primeira narrativa da música tem-se a humanização do trabalhador ressaltando sua personalidade de "homem de família", que ama sua esposa e filhos, e um homem responsável para com seu ofício e de bom caráter. Já na segunda, o trabalhador passa uma imagem arrogante ao ser comparado com um "príncipe" (Hollanda, 1971), que possivelmente era infiel a sua esposa e possuía problemas com seus filhos, além de ser irresponsável e imprudente em seu trabalho ao relatar que o personagem "atravessou a rua com seu passo bêbado" (Hollanda, 1981) para ir à construção, onde servia como pedreiro.

A construção lírica musical vai desumanizando os sujeitos na medida em que eles são reduzidos ao seu trabalho. Não importa o caráter ou a relação destes com seus familiares, se eram queridos ou não. Nesta vida tecnicista vê-se que independente de sua qualidade, vê-se o número, vê-se a eficiência, vê-se a desumanização do ser. Para tanto, ambos morrem sendo considerados inconvenientes para a sociedade, "atrapalhando o tráfego e atrapalhando o público" (Hollanda, 1971), devendo ser removidos para a ordem e substituídos para o funcionamento desta máquina institucional.

A morte sendo vista como um mero empecilho social grita a crítica a esta vida desumana em que não há o ser, mas há o fazer. Não há o olhar ao sujeito, há o sujeito das notas boas e ruins na escola, há o professor que mantém a sala em ordem e cumpre com os conteúdos programados, há a análise meramente da linguagem em seu emprego, não o olhar ao redor da vida humana. E ainda há que se ser grato por esta educação que forma para ser algo – e não, alguém – útil e não para ser, grato pela "fumaça, desgraça que a gente tem que tossir, pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair [...] Deus lhe pague" (Hollanda, 1971).

Monsieur have money pra mangiare

Após consecutivos anos de governos militares, em 1985 aprovou-se a Emenda Constitucional que restabeleceu eleições diretas para presidência da República. Neste sentido, inicia-se o governo de José Sarney no Brasil, em que assumiu a presidência após a morte de Tancredo Neves, por questões de problemas de saúde. Ato contínuo, o Brasil passa por um período de redemocratização política, em que se marca a promulgação da "Constituição Cidadã", ou melhor, a Constituição de 1988 que prevê direitos individuais, sociais, políticos e econômicos fundamentais ao país democrático. No cenário econômico, passa-se por um período de correção monetária, que visava o controle da inflação ora vivenciada. No âmbito da educação, a nova Constituição a estabelece como direito de todos, sendo um dever do Estado e da família; vê-se a educação como meio de desenvolvimento pleno do indivíduo, seu preparo para a cidadania e qualificação para o trabalho; garantia da educação básica obrigatória e gratuita, com programas suplementares de transporte, alimentação, material didático e assistência à saúde. Há neste período o fomento aos programas de alfabetização e educação básica, assim como a reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nos anos subsequentes.

Neste processo de redemocratização do Brasil, poderíamos enquadrar a concepção dialética da Filosofia da Educação, a qual objetiva explicitar os problemas educacionais. Saviani (1994) compreende que esta concepção vê o homem como

"conjunto das relações sociais" (p.27). Nesta instância, valoriza-se a análise do contexto em que o ser está inserido, não olhando para o individual, mas para o social. Cabe à educação, conforme Saviani (1994), se colocar à disposição da nova formação social. Esta concepção espelha na tendência dialética, em que a análise estrutural é a tônica da escola.

Nesta perspectiva, os sujeitos são vistos em massa, como grupos sociais analisados sobre as estruturas em que pertencem, como prevê Saviani (1994). Destarte, lida-se com a escola de comunidade pobre, com a escola elitizada, com a escola de bairro de classe média, com a escola que é particular ou pública, que se determina segundo visão conjuntural-estrutural do local onde se situa. Neste momento há aprovação de leis e expedição de documentos oficiais que partem de ideais assistencialistas igualitários dos sujeitos em comento, sem se preocupar com uma assistência equitativa aplicada a partir das subjetividades presentes nas escolas. A prática adotada permitiu que a escola poderia ser frequentada por qualquer "pelé" ou "mané" (Hollanda, 1978), ou seja, sujeitos sem identidade própria que são vistos de forma genérica pela sociedade em que o circula.

A obra *Pivete* (1978), de Chico Buarque, ilustra a vida de crianças, chamadas "pivetes", crianças e adolescentes pobres que vivem nas ruas ou que precisam trabalhar na infância; é o menor que precisa agir por conta própria para se manter em sociedade, "vendendo chicletes" (Hollanda, 1978) ou "caprichando na flanela" (Hollanda, 1978); limpando vidros de carros para ganhar algum trocado. A canção também aborda a possibilidade de entrada na criminalidade ao mencionar que o pivete "aponta um canivete, agita numa boca, arromba uma porta" (Hollanda, 1978), cenário este muito presente nos menores infratores no Brasil que veem oportunidades no crime e não nesta escola homogeneizadora, dita democrática.

Esta reabertura democrática no Brasil possibilitou discussões acerca do contexto político-social, mas reduziu o indivíduo à massa, reduziu o ser à sua comunidade, reduziu o olhar para as necessidades de cada sujeito em prol da necessidade de seu grupo. Iniciou-se o projeto de acesso e permanência a uma escola que se mostra democrática, mas negligenciou as necessidades econômicas, políticas, culturais de cada indivíduo; negligência esta que por meio de uma tendência que valoriza o social acima do individual ocasionou uma impessoalização das instituições governamentais – não se sabe mais o nome da escola, mas a capacidade em produzir ingressos em um vestibular; não se sabe mais o nome do professor, mas a capacidade de manter uma turma silenciosa; não se sabe o nome do pivete, mas não há de olhar para o *Emersão* (Hollanda, 1978) que não teve oportunidades equitativas para se desenvolver em sua singularidade. E o que cabe à escola é se dispor a formação de cada grupo, uma

escola que forma elite, outra escola que forma trabalhadores, outra que forma "manés" (Hollanda, 1978), outra que não forma ninguém, mas que forma estruturas sociais.

Todo dia eu só penso em poder parar

A educação brasileira se desenvolve na atualidade como um acúmulo de todas as tendências mencionadas neste artigo, a saber, um conjunto da tendência humanista tradicional, humanista moderna, tecnicista e dialética. Saviani (1994) esboça que a análise desta educação nos dias atuais necessita de um olhar às práticas pedagógicas que se interpenetram no cenário escolar. Para tanto, ele específica este cenário por meio da vivência dos educadores no Brasil, retratado da seguinte forma:

> O quadro acima esboçado retrata, a nosso ver, a situação da maioria dos educadores no Brasil de hoje. Em resumo: imbuído do ideário escolanovista (tendência "humanista" moderna) ele é obrigado a trabalhar em condições tradicionais (tendência "humanista" tradicional) ao mesmo tempo que sofre, de um lado, a pressão pedagógica oficial (tendência tecnicista) e, de outro, a pressão das análises sócio-estruturais da educação (tendência "crítico-reprodutivista") (Saviani, 1994, p. 43)

Especificando tal explicação de Saviani (1994), vive-se no Brasil uma política Democrática Neoliberal, em que se propõe uma garantia legal de uma malha assistencial, a fim de assegurar ao sujeito escolar a igualdade de condições para que o aluno se desenvolva autonomamente – conforme a tendência humanista moderna – e que tenha capacidade de se relacionar criticamente com o mundo, a fim de construir uma sociedade mais liberta. No entanto, o pensar democrático está em um assistencialismo mínimo em que mantêm as escolas públicas – as quais diferenciam-se de escolas elitistas – em condições mínimas, com salas superlotadas, materiais didáticos escassos, ausência de uma assistência individualizada aos sujeitos escolares, falta de transporte e condições de baixa qualidade de trabalho aos educadores, vê-se um olhar para um ajustamento social, ou melhor, para um conformismo dos atores escolares com sua essência humana – como abordado na tendência humanista tradicional. Ao mesmo tempo em que se sofre com as exigências da pedagogia oficial de cumprir o conteúdo previsto, seguir legislações formativas voltadas ao empreendedorismo, ao ser eficiente e produtivo, ao professor ser pressionado a se sobrecarregar com sua formação continuada, ao aluno que deve egressar da escola com entrada no Ensino Superior ou mercado de trabalho, à escola que deve atingir o máximo de resultados com o mínimo de custos – como prega a tendência tecnicista. E ainda, a escola se responsabiliza como instituição a qual deve analisar as estruturas sociais da educação e de seu entorno – conforme a tendência dialética – sendo um ambiente onde a "inclusão educacional" se dá por determinações

da vida a algo já determinado, a fim de formar uma homogeneidade social por meio de políticas voltadas à adequação social e ao aniquilamento da diferença. Em outros termos, ao dizer em "inclusão" no meio educacional, vê-se um outro que deve ser incluído a um mundo – que não o dele, já existente – com uma rede assistencial já estabelecida; um "mané" ou um "guri" que deve ser encaixado, modificado e ajustado, descamando o ser em sua singularidade para se condicionar a um mundo dominante estruturado.

Urge-se uma alteridade educacional, uma escola que possibilite o acontecimento da diferença e não da reprodução de um cenário brasileiro em que mantém o sujeito educacional como "inexperiente democraticamente" (Freire, 2019, p.100), algo que permita potencializar subjetividades. Este cenário da educação brasileira ora vivenciado em um Brasil Democrático-Neoliberal ao propor este meio em que se mantém um cotidiano de aplicação de políticas educacionais que reproduzem a valorização de uma educação para manutenção dos detentores de poder da sociedade – como exposto em todos os períodos citados neste estudo – perpetua-se a exclusão, a dominação, a repressão, uma relação de "vítima a réu" (Hollanda, 1971) de todos os atores escolares, como expõe Saviani (1994).

A obra *Cotidiano* (1971), de Chico Buarque retrata a rotina de um casal, descrevendo a monotonia das ações cotidianas da vida, momentos estes marcados pela repetição em "todo dia ela faz tudo sempre igual" (Hollanda, 1971) e descreve a rotina matutina, vespertina e noturna desta relação como algo cíclico. Apesar desta repetição, vê-se um carinho neste ambiente, sendo possível ver ações de cuidado e amor no cotidiano do eu-lírico. Apesar deste afeto, vê-se a mudança constante de emoções do eu-lírico em relação à sua esposa ao mencionar às "bocas de hortelã", "boca de café", "boca de paixão" e "boca de pavor", como se vê em Hollanda (1971), esboçando os vários momentos de um relacionamento, desde o "cuidar" ao "sufocar". A canção marca o esgotamento da relação deste casal e ao desejo de mudança do homem sobre esta monotonia ao relatar que "todo dia eu só penso em poder parar| Meio-dia eu só penso em dizer não| Depois penso na vida pra levar| E me calo com a boca de feijão" (Hollanda, 1971). Por mais que haja um anseio por sair deste relacionamento, vê-se uma relação de dependência com o casamento, já que a esposa que se responsabiliza pelos cuidados no casamento, mas que na metade do dia o eu-lírico se acostuma à rotina e desiste de sua autonomia, protelando e dizendo que "depois pensa na vida pra levar e se cala" (Hollanda, 1971).

Nesta análise, poderíamos relacionar a escola sendo a esposa deste relacionamento, o homem sendo os atores escolares e o casamento sendo este Estado Democrático Neoliberal. O eu-lírico não se identifica, podendo ser qualquer "mané" como já

retratado, e descreve sua relação cíclica para com a escola. A escola (esposa) apresenta um ambiente de espaço educacional potencial de cuidado, mas devido a este Estado (casamento) regulador caracterizado por vigiar, seguir uma ordem – cronológica e de exigências formativas – e exigente numa prática mecanicista. A canção se passa com o marido (atores escolares) sendo passivo na relação, o único momento em que se passa como sujeito ativo da oração é quando este se cala, referindo-se em "e me calo com a boca de feijão" (Hollanda, 1971). Realiza-se a análise de como esta forma de calar os atores escolares se dá por diversas maneiras, seja por padronizar a linguagem, as burocracias para ingresso numa instituição de ensino, as violências existentes à corpos dissidentes no espaço escolar, vê-se o ato de calar com "beijo com a boca de hortelã, de café, de feijão, de paixão e de pavor" (Hollanda, 1971). E há o anseio por mudança deste esposo – os atores escolares – mas há uma relação de dependência neste casamento – o Estado Democrático Neoliberal – devido a impossibilidade de uma vida para além da inclusão nesta vida reguladora, que nos leva a acostumar à rotina e a desistir de uma autonomia, "depois pensamos na vida pra levar e nos calamos [...]".

Considerações para uma (in)conclusão

A Filosofia da Educação objetiva tecer reflexões sobre a realidade educacional na história, sendo a ferramenta necessária para a análise da educação brasileira, sua historicidade e seu papel na constituição do seu povo "nação", que se quer democrático e de direitos.

Este estudo esteve voltado para uma leitura crítica, ética, filosófica, histórica e artística para um Brasil ainda em formação, marcado pelo anseio por uma prática libertadora e de uma formação verdadeiramente democrática da educação brasileira. Ressalta-se, para uma (in)conclusão da temática proposta a seguinte exortação de Freire (2019, p. 97-100):

> Essas condições econômicas e as linhas de nossa colonização não poderiam, na verdade, permitir o surgimento de centros urbanos com uma classe média, fundada sobre lastro econômico razoável. Centros urbanos que fossem criados pelo povo e por ele governados, através de cuja experiência de governo fosse ele incorporando aquela sabedoria democrática a que chega o povo quando faz sua sociedade com suas próprias mãos. Ao invés de centros urbanos assim feitos de baixo para cima, à base da solidariedade política a associar os grupos humanos em comunidades, o que nos teria ajudado no aprendizado de nossa sabedoria democrática, o que a história de nossas instituições políticas revela é o surgimento de núcleos urbanos nascidos de cima para baixo. Criados compulsoriamente, com suas populações arrebanhadas. Só uma vez ou outra nascidos com a força e vontade do povo. De estranhar seria, na verdade, que esses centros urbanos tivessem

> nascido sob impulso popular. Impulso do povo, a quem vinham faltando condições necessárias para tê-lo. [...] Em verdade, o que caracterizou, desde o início, a nossa formação foi, sem dúvida, o poder exacerbado. Foi a robustez do poder em torno de que foi se criando um quase gosto masoquista de ficar sob ele a que correspondia outro, o de se ser o todo- poderoso. Poder exacerbado a que foi se associando sempre submissão. Submissão de que corria, em consequência, ajustamento, acomodação e não integração. A acomodação exige uma dose mínima de criticidade. A integração, pelo contrário, exige um máximo de razão e consciência. É o comportamento característico dos regimes flexivelmente democráticos. O problema do ajustamento e da acomodação se vincula ao do mutismo a que já nos referimos, como uma das consequências imediatas de nossa inexperiência democrática. Na verdade, no ajustamento, o homem não dialoga. Não participa. Pelo contrário, se acomoda a determinações que se superpõem a ele. As disposições mentais que criamos nestas circunstâncias foram assim disposições mentais rigidamente autoritárias. Acríticas (Freire, 2019. P. 97-100).

Urge-se, neste sentido, a possibilidade da constituição de algo de *baixo para cima*, possibilitando acontecimentos "[...] que vivem nas ideias desses amantes, que cantam os poetas mais delirantes, que juram os profetas embriagados, que está na romaria dos mutilados, que está na fantasia dos infelizes, que está no dia-a-dia das meretrizes, que está no plano dos bandidos, dos desviados." Urge-se a libertação desta [...] população arrebanhada que diz que o chegar lá está vinculado ao chegar estampado, manchete, retrato". Urge-se a educação como prática da liberdade (Freire, 2019) para romper com este cenário de submissão, de menoridade, de inexperiência democrática, de "Deus lhe pague". Urge-se o rompimento com esta impessoalidade política desta educação submissa que gera "manés", sendo estes "sujeitos ajustados, acomodados e não integrados". Urge-se não apenas o desejo em "poder parar com esta vida masoquista", mas no ato de realmente romper com este cenário educacional brasileiro e possibilitar o olhar ao diferente. Por isto uma possível (in)conclusão da história da escola no Brasil. Não seriam estes relatos retirados do meio escolar no Brasil? Que será? [...] Desde o começo, eu não disse, seu moço, ele disse que chegava lá [...] Não se liga em freio e nem direção... Por me deixar respirar, por me deixar existir [...] E me aperta pr'eu quase sufocar e me morde com a boca de pavor [...] deveras uma inconclusão.

Referências

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. Pivete. In HOLLANDA, Francisco Buarque de. **Obra**. 1978. Disponível em: https://youtu.be/ASO3rdH92y8?si=_HgOoQYM9JtjsGq0. Acesso em: 27 set. 2024.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. O meu guri. In HOLLANDA, Francisco Buarque de. **Obra**. 1981. Disponível em: https://youtu.be/x6AC9l1WOdI?si=khYbirm0SS7sicyk. Acesso em: 27 set. 2024.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. O que será? In HOLLANDA, Francisco Buarque de. **Meus caros amigos**. Disponível em:

https://youtu.be/pDPCuRU6Qgg?si=HtqgDIBJslmyXsuP. Acesso em: 27 set. 2024.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. Construção. In HOLLANDA, Francisco Buarque de. **Construção**. 1971. Disponível em: https://youtu.be/wBfVsucRe1w?si=8aFL50DPqDVPx_WX. Acesso em: 27 set. 2024.

HOLLANDA, Francisco Buarque de. Cotidiano. In HOLLANDA, Francisco Buarque de. **Construção**. 1971. Disponível em: https://youtu.be/dHYOVuq_Fco?si=Wm8swVMl5rexQsZO. Acesso em: 27 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SAVIANI, Dermeval. Tendências e correntes da educação brasileira. In SAVIANI, Dermeval. **Filosofia da Educação Brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

Serviços e informações do Brasil. **Gov.br**. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/campanhas/bicentenario./linha-do-tempo-da-independencia. Acesso em 01/10/2024.

Um olhar sobre a obra de Chico Buarque. **Biblioteca Universidade Federal de Lavras**. Disponível em: http://biblioteca.ufla.br/slbu9/?page_id=29. Acesso em 21 de set. de 2024.